



Lançamento
de «*Testemunho de um Tempo de Mudança*»
de Victor de Sá
Conselho Cultural

Indigitado pelo Movimento Democrático do Distrito de Braga, o Doutor Victor de Sá começou a dirigir o «Correio do Minho» em 3 de Maio de 1974, poucos dias após o triunfo da Revolução de 25 de Abril.

Durante o período em que ocupou a direcção daquele diário bracarense, que deixou em 2 de Fevereiro de 1975, Victor de Sá foi autor de dezenas de editoriais e de outros textos, através dos quais ia dando conta do modo como o 25 de Abril era acolhido em Braga e no Minho e das preocupações e problemas daí decorrentes.

Dessa colaboração seleccionou e organizou 32 textos para uma posterior publicação, que se encontram incluídos no arquivo de documentação que doou à Biblioteca Pública de Braga/Universidade do Minho.

Na altura em que se comemora o 25.º aniversário do 25 de Abril e o do início do período em que Victor de Sá passou a dirigir o «Correio do Minho» entendeu o Conselho Cultural da Universidade do Minho homenagear aquele historiador, publicando os referidos textos jornalísticos, a que Victor de Sá deu o título de «*Testemunho de um tempo de mudança*».



Recorde-se que o Conselho Cultural é o responsável pela atribuição do Prémio de História Contemporânea, que nasceu de uma proposta de Victor de Sá, o qual, para ele tem contribuído generosa e desinteressadamente no decurso dos últimos 8 anos.

A edição do livro «*Testemunho de um tempo de mudança*» organizado por Henrique Barreto Nunes, que é o autor da nota introdutória, foi possível mercê do valioso apoio financeiro do Governo Civil do Distrito de Braga. A obra tem capa e arranjo gráfico de Luís Cristóvam e inclui a edição facsimilada do «Correio do Minho» de 3 de Maio de 1974.

O livro foi apresentado no dia 7 de Maio, no Museu Nogueira da Silva, pelo Doutor Norberto Cunha, professor catedrático do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho e presidente do Centro de Estudos Lusíadas. Usaram também da palavra o dr. Henrique Barreto Nunes (BPB) que evocou o Doutor Victor de Sá e a génese desta publicação e o prof. doutor Lúcio Craveiro da Silva, que justificou a edição da obra através do Conselho Cultural.

No decorrer da sessão foi lida uma mensagem do dr. José Manuel Mendes, que acompanhou muito de perto Victor de Sá na direcção do jornal, texto que a seguir se transcreve:

Recordo com nitidez as circunstâncias em que o Movimento Democrático assumiu a responsabilidade de transformar o «Correio do Minho» num jornal capaz de exprimir a revolução de 74. Era necessário dar voz às mudanças em curso e por haver, à palavra que fremia num espaço além das grades, do lápis da censura, dos mil constrangimentos, às esperanças e lutas, ao contraditório gerado pelas propostas, que nasciam dia a dia, hora a hora. E ser, sem tibiezas nem maquinações, desmesuras ou subserviências, um espaço de análise e construção, o lugar do debate e da polémica, a afirmação dos conteúdos projectivos da liberdade. Para isso, tomada em plenário de democratas a deliberação de mudar os rumos do periódico, deslocámo-nos à Rua Abade da Loureira e, após minutos de diálogo com os trabalhadores, deu-se início a uma intervenção que, enfrentando dificuldades financeiras e incompreensões, se pautou sempre por critérios de seriedade e exigência.

Seja-me permitido lembrar o modo como fomos acolhidos por quantos se encontravam nas oficinas. Salvo raras excepções, não regatearam adesão (que era, acima de tudo, uma forma de apoio ao novo regime) e aquele espírito de cooperação que permitiu a consolidação de um pacto de confiança sem o qual, importa dizê-lo, tudo poderia ter sido deveras penoso. Na impossibilidade de os referenciar um a um, desejo pronunciar o nome que, de certa maneira, todos representa: Samuel Cunha. Homem de uma lisura e uma lealdade nunca maculadas, constituiu-se como um interlocutor primeiro e, a breve prazo, um colaborador cuja acção importa relevar. Creio que jamais deixou de expressar os seus desacordos. Só que, como fazia questão em sublinhar, sem a mínima quebra de solidariedade relativamente a quem, no tempo perturbado, governava os destinos da Casa.

A grande figura desse período é, porém, Vítor de Sá. O historiador e o cidadão, a figura lendária do combate à ditadura e o companheiro de ideais, o pensador e o militante que não recusava os múltiplos trabalhos da transformação, neles inscrevendo a lucidez do seu timbre, o rasgo, o sentido de oportunidade, a iluminação cultural de quem muito conhecera e permanecia disponível para o imprevisto das experiências a surgir. No «Correio do Minho», desde o instante inicial, partilhámos determinações e objectivos,

vivências, obstáculos, opções editoriais, escritos até. Poucos saberão, por exemplo, que nenhum texto de fundo descia à Gráfica sem que ambos o apreciássemos. E isto apenas exalta os méritos de um Director que, sendo a personalidade que era, com a biografia e a obra que tanto apreço suscitavam, não hesitou em outorgar um estatuto de igualdade de facto ao aprendiz de feiticeiro que então era e, de certa maneira, nunca deixei de ser.

Sublinhe-se, aliás, o seguinte: A redacção do jornal, desde o dia 3 do Maio de 74 que agora evoco, constituiu-se como um local de debate, crítica, troca de opiniões. As pessoas chegavam, ouvíamos o que tinham para dizer, com elas analisávamos as conjunturas e opções, o urgente e o mediato, as grandes orientações e o fluir dos problemas locais. Escrevo as pessoas e não referencio apenas os amigos, aqueles em cujos ideais os nossos se fundiam, assinalo também os que não vinham creditados fosse pelo que fosse, homens e mulheres de Abril, detentores de um direito insonegável, o de manifestar posições e participar no turbilhão fecundo do quotidiano. Há rostos e lances que ainda retenho. Já não as identidades civis, a notação dos percursos que se seguiram, os traços de uma dispersão decerto inevitável.

Nas nossas salas de trabalho se encontravam, com muita regularidade, figuras que deram um contributo inestimável para a diversidade e o enriquecimento de quanto pretendíamos – Tarroso Gomes, o Pai, e Pêra Martins, Alberto Jorge Silva e Mário Tavarela Veloso, Santos Simões e, durante algumas semanas, António Álvaro Dória, Raul Peixoto e Humberto Soeiro, mesmo não redigindo (ao que suponho) qualquer artigo, entre vários que, exactamente por impossibilidade de ser exaustivo, não mencionarei. Foram, sem dúvida, através de caminhos cuja singularidade importa enfatizar, intérpretes inesquecíveis das alterações que consolidaram a democracia ao cabo de meio século de ditadura.

Bem se perceberá que aplauda, de maneira sentida, a publicação do livro de Vítor de Sá, personalidade a quem me ligam vínculos de apreço e afecto profundos. Esta colectânea ter-se-á como relevante, outros o anotarão, para a história dos movimentos políticos, sociais e culturais que atravessaram o Distrito de Braga e o País em 1974 e 1975, e para um conhecimento mais detido do pensamento do Autor, um pensamento em acto, fazendo-se em instantes de emergência sem quebras com o que, no essen-

cial, fora e continuaria a ser nos diferenciados domínios da sua produção intelectual. Felicito, por isso, o Conselho Cultural da Universidade do Minho, o seu Presidente e quantos assumiram a edição, saudando o meu querido Vítor de Sá, a quem deixo votos de boa saúde e o melhor dos abraços.